

9 JUNHO | Feriado Municipal

(Montalegre – 2016)

Feriado Municipal a anteceder o Feriado Nacional que amanhã se comemora. Quase parece uma montagem ou um hino à preguiça.

Mas não é assim.

Um e outro terão de ser dias de festa. Transformados em espaço e tempo para o descanso, sempre merecido para quem trabalha e dele precisa. Tempo para a família, para os amigos, para o turismo cá dentro e conseqüente contribuição para a necessária dinamização da atividade económica.

Mas terão de ser, também, dias de reflexão.

Sabermos em que é que os ditos assentam, rebobinar o filme do percurso feito até aqui e descortinar o véu que tapa o caminho que temos, juntos, de percorrer.

9 e 10 de Junho são assim os dias da pátria.

Falando da pátria.

O refogado de factos, de mentiras e aparências que, segundo os interesses, mudam de colorido e sabor e se nos apresentam como a História de Portugal, incutiram em nós uma ideia de país ou de pátria que eleva a moral e fervor patriótico ao ponto de por ela darmos a vida.

Impotentes ou incapazes de pesquisar outras versões que não a oficial crescemos com a ideia (errada) de sermos um povo de grandes feitos, grandes conquistas, fazedor de um Império que, sobrepondo os territórios colonizados ao mapa da Europa, ia do Cabo da Roca até à Ásia Russa.

A muito poucos sobrou tempo introspetivo para aferir a nossa pequenez ou a incapacidade de construir um país harmonioso, civilizado e desenvolvido, maleitas de que ainda hoje padece.

E quando as contrariedades abundavam ou os ventos não corriam de feição, lá estávamos nós a implorar a proteção divina com quem ao longo dos séculos mantivemos uma sacrossanta aliança. Foi assim em Ourique e em Aljubarrota.

Foi assim com a fundação de Portugal, país soberano e independente, cuja ideia terá nascido, de acordo com a versão dominante e oficial da História, de um conselho de Deus ao nosso primeiro Rei.

Quando a Europa se destruía na Primeira Guerra, lá estava a mão divina a proteger-nos.

Assim nos livrámos nós da guerra. E o mundo inteiro do papão comunista.

O ouro do Brasil foi desbaratado na construção do Convento de Mafra. E tivemos um rei que, não sabendo o que fazer com as riquezas geradas na epopeia marítima, as desbaratou organizando uma embaixada ao Papa, formada por centenas de pessoas e animais que terão deixado meia Roma de boca aberta.

CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

E para que melhor impressão deixasse em Sua Santidade, decide-se pelo ódio aos judeus, cuja expulsão decretou e estendeu a todos quantos se não decidissem pela conversão forçada do que resultou a saída das melhores cabeças ou cérebros para a Holanda onde edificaram a primeira feitoria comercial donde emergiu a pujança económica que este país exhibe com vaidade e estatuto.

De mãos dadas ou de casamento feito entre a incompetência e a crença, criámos assim mitos, forjámos heróis. Mantivemos a soberania quase por milagre. É que sobreviver a continuadas más governações, vindas de cima e à indisciplina, submissão e falta de sentido crítico, vindos de baixo é obra de vulto e de muito mérito.

Esta sina ou saga continuou até aos dias de hoje.

Feita a Revolução e ultrapassado o período das incertezas e da deriva revolucionária assentámos ideias e entramos na Europa.

Aqui chegados, e bem, deslumbrámo-nos com o dinheiro fácil e que parecia cair do céu. Não demos orientação ao país e esquecemo-nos que a Europa são regras, rigor, competição e que deixa cair quem, à luta não vai e se dela esquiva. Mas lá nos ensinou como entrar no Euro a que inconscientemente e por vaidade aderimos sem nos darmos conta de que estávamos a enveredar por maus caminhos.

Tão maus, tão maus, que à capitulação e ao pedido de ajuda que nos sufoca, deixa servis, nos humilha e impõe a regra cruel da austeridade renovada não tivemos mais que contrapor que não fosse pormos o país inteiro a trabalhar para os bancos.

Este é o favor que devemos às elites que nos têm des governado e que no recente dizer de um gestor de topo de uma das empresas bandeira, são o maior problema de Portugal.

Mas deixemos a pátria que se prepara para empolgar-se com a prestação da Seleção no Europeu que aí vem e falemos de nós. Que de certa forma somos o reflexo do desastre da nação. E porque não ousámos fazer o emparcelamento da propriedade rustica, o setor primário tornou-se o diabo ou o inferno de que todos querem fugir. Daqui resultou o empobrecimento generalizado, falta de competitividade para agarrar o mercado global, desestruturação da casa agrícola barrosa onde as gerações se mantinham e à mesma davam continuidade, desorientação económica, descrença coletiva, sangria ou deserção dos mais jovens, despovoamento e envelhecimento da população.

Esta tragédia social só seria combatida se, nas proximidades, nas cidades médias abundasse a oferta de trabalho no sector secundário ou nos serviços.

Mas nada disto acontece. E chegámos ao ponto de retorno quase impossível. Mas o quase ainda não é, felizmente, o tudo. E ainda há espaço para que a fé renasça e a esperança não morra.

As tecnologias estão aí e são dominadas na perfeição pelos nossos jovens. O sistema educativo – a escola pública - a todos os nossos tem dado formação igual do que resulta todos estarem melhor preparados para enfrentar o futuro.

E oportunidades também, felizmente, as vai havendo: na economia social, não faltam oportunidades onde os mais novos possam servir os mais velhos que se espalham pelo

território e onde já quase não temos quem repare uma fuga de água, mude uma torneira ou substitua uma lâmpada; cuidados de atendimento domiciliário, limpeza de habitações e cuidados de higiene têm um monte de destinatários a dos mesmo carecerem; a qualificação no sector dos serviços onde a procura turística do território se ancora é urgente, é inadiável e tem sucesso garantido. Só não podemos continuar a fazer mais do mesmo; o setor primário que o Município tem vindo a apoiar é campo vasto por onde a empregabilidade ou a construção de autoemprego pode avançar; a batata, os produtos hortícolas, a boa carne de vitela ou de richelo são fileiras que agarradas com audácia por gente nova e com vontade de vencer serão bem sucedidas; o fumeiro e o presunto têm de dar o salto e sair da esfera doméstica; tem de saltar para o palco da homogeneidade de tamanho, de palato, e de tempero e de sabor; a procura turística do território oferece oportunidades ainda por preencher e que só os novos poderão abraçar: A exploração dos recursos existentes e devidamente homologados. A constituição de empresas que se ocupem das reservas, da organização das caminhadas, da orientação das mesmas bem como do apoio logístico com guias são igualmente oportunidades que a conquista do futuro não dispensa. E porque o futuro é dos jovens é naturalmente a eles que a obrigação de ir à luta e agarrar estes desígnios se impõe. E com que meios?

O quadro comunitário que agora se inicia é um recurso importante de que todos podem socorrer-se.

Mais, é uma oportunidade normalmente agarrada quase só pelos instalados na atividade e que deste meio de financiamento, ou de apoio se servem para modernizar ou dar maior dimensão à sua atividade. Aprendemos com estes.

Mas para que não fiquemos pelas palavras simpáticas ou meras recomendações quero deixar claro que, na assunção plena do compromisso eleitoral estabelecido com os barrosões, iremos inscrever no próximo orçamento municipal uma verba destinada à criação de um fundo de apoio à implementação de projetos credíveis de criação do autoemprego de acordo com regulamento específico a ser elaborado e tornado público.

Vamos a isso é o que me apetece dizer.

E esta é a melhor forma de celebrarmos o dia que é nosso.

O futuro clama e exige a intervenção de todos. Vamos em conjunto pensar e estruturar o nosso futuro coletivo.

O Município está a cumprir conforme prometido em compromisso eleitoral.

Venham daí os jovens com a irreverência ou inconformismo que se lhes conhece ou com a audácia que só eles têm e vamos partir para o restabelecimento da esperança, para a homenagem à vida, e para a conquista do futuro.

Assim fizeram os nossos camaradas de hoje: o **Artur Gonçalves** e o **Fernando Moura**, de saudosa memória.

Nascidos num tempo ou época de enormes dificuldades ou carências, e sem as condições ou oportunidades que aos jovens de hoje são dadas, arregaçaram as mangas, meteram mãos à obra e partiram à aventura rumo à construção das suas



CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

vidas. Perante as dificuldades ousaram ir em frente sem tibiezas ou hesitações. E porque foram à luta, ganharam.

Construíram a sua independência e deram dignidade às suas almas e vidas.

Sobrou-lhes, ainda, tempo para se afirmarem cidadãos de primeira: respeitadores e participativos nas causas sociais e públicas a que todo o ser humano é chamado e de que tantos, irresponsavelmente, se afastam. Ao desporto se entregaram como forma de entretenimento e de elevação espiritual. Também aqui foram vencedores.

○ Artur na modalidade do peso onde se sagrou campeão pelo Benfica.

○ Fernando como um às do pedal ao serviço do Futebol Clube do Porto.

Merecem assim ser apresentados como exemplo para os jovens de hoje.

Merecem figurar nas comemorações do Feriado Municipal exibindo na lapela a Medalha de Mérito Municipal que acabaram de receber.

Obrigado pelo Vosso exemplo. E parabéns.

Montalegre, 9 de junho de 2016

○ Presidente da Câmara
Manuel Orlando Fernandes Alves